

A educação diante do obscurantismo ideológico contemporâneo

Education in the face of contemporary ideological obscurantismo

Alex Sander da Silva
Carlos Maximiano de Laet Raimundo de Souza
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC
Criciúma – SC-Brasil
Leisia Arantes Lessa
Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ
Rio de Janeiro-RJ-Brasil

Resumo

Este artigo tem por objetivo investigar os motivos pelos quais o ensino formal não tem sido eficaz na formação de consciências críticas, bem como na transmissão de valores democráticos imprescindíveis para que as pessoas possam resistir às influências do obscurantismo. Para tanto, analisa o pensamento obscurantista atual a partir do estudo da gênese da ideologia, sob a perspectiva de três eixos: o da pluralidade dos contextos cognitivos em que o sujeito se insere, o da formação ontogenética dos valores que nutrem as ideologias e o da relação entre a razão e as emoções na constituição da cosmovisão do indivíduo. Objetiva ainda fornecer elementos para estudos que visem chaves de leitura aos processos educativos como meios necessários para evitar o avanço do retrocesso civilizacional.

Palavras-chave: Obscurantismo; Ideologia; Educação.

Abstract

This article aims investigate the reasons why formal education hasn't been effective in forming critical awareness, as well as in the transmission of essential democratic values so that people can resist to the influences of obscurantism. In order to do so, it analyses the current obscurantism thought from the study of the genesis of ideology, under the perspective of three axes: of the plurality of the cognitive contexts in which the subject insert himself, of ontogenetic formation of values that nourish the ideologies and of the relations between reason and the emotions on the constitution of the individual's worldview. Aims, also, understanding to the educational process as necessary means to avoid the advancement of the civilizational setback.

Keywords: Obscurantism; Ideology; Education.

Introdução

Nesta segunda década do século XXI, o mundo vem registrando uma tendência ultraconservadora na política, na economia, na cultura, nos costumes e em todos os aspectos das relações sociais. Este fenômeno assume proporções de um retrocesso civilizacional que podemos chamar de obscurantismo extemporâneo, confrontando os fundamentos iluministas da civilização moderna e do Estado Democrático de Direito. Trata-se de autêntico retrocesso ao *Ancien Régime*.

Em que pese que este movimento possa apresentar diferenças significativas conforme o contexto de cada país, algumas características formam o seu núcleo invariável. Dentre elas, pode-se observar: a) defesa do patriarcalismo, misoginia e rejeição às políticas de gênero; b) racismo e xenofobia; c) discurso de ódio; d) ojeriza aos Direitos Humanos; e) oposição à inclusão social; f) ódio à cultura; g) rejeição às teorias científicas e afirmação de “teorias” como a criacionista e terraplanista; h) combate à democracia; i) oposição à laicidade do Estado e j) intolerância a tudo que não se amolda ao padrão ultraconservador. Tendo em vista a complexidade deste fenômeno, estas características não esgotam o seu perfil, constituindo apenas alguns de seus elementos mais comuns que ajudam a compreender a sua natureza e a sua extensão. Este fenômeno deve ser compreendido como um retrocesso civilizatório que combate todas as conquistas do Iluminismo e que quer reviver o *Ancien Régime* com a sua religiosidade, absolutismo e valores tradicionais.

É interessante atentar para o fato de que a ignorância sempre foi apontada como sendo a causa fundamental do obscurantismo. Aliás, o Iluminismo partia da premissa de que o conhecimento emancipava o ser humano e tornava possível uma sociedade baseada na liberdade, igualdade e fraternidade. Este entendimento está de tal forma arraigado no pensamento moderno, que se tornou praticamente uma unanimidade, alcançando inclusive o senso comum. Não obstante, o que se observa, tanto no fenômeno do fascismo da primeira metade do século XX, quanto no movimento ultraconservador deste início de século, é o fato de pessoas com nível superior defenderem ideias que já eram vistas como ultrapassadas no *Ancien Régime*. O que causa estranheza é o fato do obscurantismo ser recebido por parte significativa das classes média e alta, ou seja, por grupos sociais instruídos, que gozam de condições de vida confortáveis, incluindo uma educação de qualidade. É neste particular que se faz necessário e fundamental perguntar se a escola teria

falhado em sua missão de formar seres humanos civilizados capazes de resistir ao discurso de ódio.

Este artigo se destina a investigar os motivos pelos quais a educação escolar não tem obtido sucesso em formar uma consciência crítica e transmitir os valores democráticos necessários para resistir às influências do obscurantismo. Neste sentido, analisa o pensamento obscurantista atual sob a perspectiva de três eixos: o da pluralidade dos contextos cognitivos em que o sujeito se insere, o da formação ontogenética dos valores que nutrem as ideologias e o da relação entre a razão e as emoções na formação da cosmovisão do indivíduo. Objetiva ainda fornecer elementos que visem chaves de leitura que como meios necessários para evitar o avanço do retrocesso civilizacional.

Trata-se de compreender como as ideologias são assimiladas pelas pessoas. Para isso, três eixos serão analisados. O primeiro consiste na compreensão de uma diversidade de modos de pensamento utilizados pelo indivíduo, na sua interação com a realidade conforme o contexto. O segundo eixo analisa as formas de pensamento correspondentes aos diversos estágios de desenvolvimento ontogenético e que permanecem simultaneamente atuantes nas sucessivas fases. Finalmente, o terceiro examina a influência das emoções na formação ideológica, afastando a falácia da presunção de que a visão de mundo é elaborada conforme padrões epistemológicos e metodológicos científicos.

Evidentemente, os três eixos acima referidos são aspectos da formação ideológica que não excluem outras perspectivas dada a complexidade da questão. Eles não esgotam o tema e, ao contrário, devem servir como material para o aprofundamento do estudo em questão. Consideramos que o segundo eixo, o genético, é o mais importante para a compreensão da constituição da ideologia, uma vez que ela é formada desde a mais tenra idade, complexificando-se ao longo da vida, quase sempre se mantendo na mesma tendência de visão de mundo. E esta formação não ocorre de maneira meramente acumulativa, mas conforme os estágios de pensamento que se sucedem ao longo do processo ontogenético.

Tal como o sistema nervoso, que foi formando novas áreas, ao longo do desenvolvimento filogenético, sem que as antigas desaparecessem, a ideologia mantém as suas estruturas mais remotas enquanto cria as novas. Da mesma forma que o neocórtex não implicou no desaparecimento de áreas antigas como o tálamo, mas formando um novo

sistema que o abrange, as ideologias vão incorporando os antigos modos de pensar no contexto de uma visão mais desenvolvida. Este aspecto é importante porque o ultraconservadorismo tende a permanecer num nível de pensamento pouco elaborado, que não permite questionamentos nem uma visão crítica.

Os paradigmas cognitivos emergentes

O ser humano vivencia diferentes sistemas de pensamento em resposta à realidade na qual se insere, ao estado de sua mente, à sua fase de desenvolvimento ontogenética e outras situações. Alfred Schütz (2018) adotou a criativa expressão “províncias de significado” para representar os diversos sistemas de pensamento, cada qual com sua especificidade, conforme uma multiplicidade de realidades e estados da mente. Dentre eles, avultam em importância a da realidade da vida cotidiana (existencial), do pensamento científico, das artes, das crianças, da religião, dos sonhos, sem prejuízos de tantas outras que não foram citadas. São paradigmas de pensamento com suas regras, lógicas e objetivos que lhes são peculiares. Assim, uma mesma pessoa transita por estados distintos de pensamento conforme as circunstâncias, sendo frequentemente contraditórios, complexificando a compreensão de sua cosmovisão. Inexiste uma unidade no modo de pensar do indivíduo, o que torna sem sentido exigir uma lógica ou congruência em sua maneira de pensar, quando as circunstâncias se modificam.

Schütz (2018) interessou-se particularmente pelo pensamento cotidiano, dominado pelo senso comum, onde as pessoas vivem o seu dia-a-dia, conforme um conjunto de conhecimentos e valores sedimentados historicamente pelas gerações anteriores. Trata-se do ambiente cognitivo onde as pessoas passam a maior parte de seu tempo, interagindo com outros indivíduos, vivenciando experiências e cuidando de seus afazeres diários.

O mundo do pensamento científico exige um afastamento da subjetividade, para que o pesquisador proceda à investigação acadêmica conforme as exigências epistemológicas e metodológicas. Quando o cientista ingressa em seu laboratório, ocorre um salto de uma situação cotidiana para uma realidade na qual o pensamento científico é dominante.

Mas o cientista também tem uma vida privada, na qual mergulha no pensamento de senso comum, inclusive para adequar-se ao comportamento socialmente exigido. O cientista não se relaciona, em seu cotidiano, seguindo normas acadêmicas, mas como uma pessoa comum que precisa interagir de forma prática com outras pessoas.

Na província das artes, a cognição abre espaço para as emoções. A pintura, a música, a poesia, o teatro, a dança e as demais expressões artísticas têm o potencial de transmitir ideias e sentimentos sem subordinarem-se ao discurso científico, encerrado no círculo de ferro das leis da sintaxe. A arte tem seu próprio universo com sua linguagem icônica e metafórica. É um mundo fortemente influenciado pelo inconsciente, que utiliza mais o concreto do que o abstrato e que pode comunicar emoções e ideias de forma muito mais eficaz do que a linguagem científica alcançaria. Um filme, um romance ou uma peça teatral, através da concretude da vida de um protagonista, expõem todo o drama e injustiça de uma dada realidade que, de outra forma, permaneceria sendo aceita como decorrente da própria ordem natural das coisas. As artes tocam a alma profunda das pessoas e têm um poder de convencimento que um discurso racional não alcança.

O pensamento religioso também é impregnado de emotividade. Nele, explicações desprovidas do rigor científico procuram aliviar a ansiedade humana diante dos mistérios da vida e da morte. Neste caso, não é a certeza obtida pela razão que importa, mas a fé e a busca de um sentido que não se esgote no curto tempo da vida humana e que traga um sentido e esperanças nos momentos mais difíceis de serem suportados. E assim, as explicações de povos antigos nos chegam por meio da mitologia e fazem sentido no contexto adequado. Um cientista pode saltar de sua compreensão positivista para instalar-se confortavelmente na fé, sem que os dois modos de pensar se conflitem, pois cada qual estará em sua própria província de significado, onde faz sentido e serve a objetivo específico.

O pensamento inconsciente está presente no cotidiano das pessoas, influenciando ininterruptamente o consciente. Seja no dia-a-dia, na criação artística ou mesmo no trabalho científico do laboratório, submetido aos rígidos controles metodológicos, o inconsciente permanece influenciando e inspirando o consciente. O positivismo tentou em vão tornar a ciência axiologicamente neutra, como se um fenômeno social pudesse ser estudado com a mesma frieza racional com que supunham que os átomos o seriam. Mas a verdade é que nem o estudo dos átomos está livre das emoções e das ideologias. Um *insight* de um cientista em seu laboratório tem uma óbvia ligação com o seu inconsciente. Neste sentido, Feyerabend demonstrou a influência política nos paradigmas científicos (FEYERABEND, 2011).

Uma das principais fontes do pensamento inconsciente é o sonho. Ele é um fenômeno ainda pouco compreendido pela ciência, mas que está presente no cotidiano das pessoas, com um tipo de pensamento que contrasta com a lógica do estado de vigília. O pensamento onírico relativiza as referências temporais e espaciais e suspende a lógica do consciente. A linguagem do sonho reúne fragmentos do cotidiano e impulsos inconscientes, por meio de uma linguagem simbólica, condensando elementos, deslocando-os e submetendo-os a uma elaboração mental inconsciente. Para Freud (2012), o primeiro teórico a analisar o pensamento onírico em profundidade, o sonho seria a realização dos desejos ocultos reprimidos pelo superego.

A linguagem e a “lógica” da loucura são ainda mais desafiadoras. Pode até parecer que a insanidade, com seus delírios e a suspensão da racionalidade, nada poderia contribuir para a cultura. Mas a verdade é que a loucura e os estados de excitação provocados pelo uso de drogas são uma fonte de inspiração das artes. Como exemplo, pode-se citar a original pintura de Van Gogh e as experiências de Aldous Huxley.

Com relação ao pensamento primitivo, a visão antropológica demonstra que não é uma fase incipiente do raciocínio lógico. O homem primitivo, tal como o moderno, não vive numa única realidade, mas numa multiplicidade delas, podendo pensar de forma mística, mas também racionalmente, quando se tratar de interagir com a natureza para obter os meios de sua sobrevivência material. Quando um aborígine caça, coleta alimentos ou confecciona um objeto, ele utiliza o pensamento racional, tal como faria um operário contemporâneo. Por outro lado, o mundo social do homem primitivo avulta em importância e constitui o centro em torno do qual orbita a sua forma principal de pensar. Lévy-Bruhl explicou o pensamento primitivo por meio do fenômeno da participação, que colocava o indivíduo dentro de sua comunidade, cultura, valores e crenças, de uma forma muito mais intensa do que a atitude do homem contemporâneo individualista em sua sociedade. O indivíduo se funde nesta sociedade que abrange os seus ancestrais sem levar em conta as leis da lógica (LÉVY-BRUHL, 1947).

Verifica-se, portanto, que o ser humano habita mundos distintos, aos quais correspondem modos de pensar apropriados. Trata-se de verdadeiros paradigmas cognitivos, com características que correspondem ao seu estágio de desenvolvimento ontogenético, cultural, de consciência ou à especificidade do contexto ao qual se aplicam. Uma pessoa varia de províncias de significados conforme o contexto e tal fenômeno ocorre

por saltos, possibilitando que o mesmo indivíduo concilie concepções e atitudes antagônicas sem sequer se dar conta disto.

A ideologia não é formada apenas pelo pensamento científico dos ideólogos ou filósofos. Este é apenas um aspecto deste fenômeno que está relacionado às condições de existência material de uma sociedade, ao status do indivíduo, à sua cosmovisão, adquirida ao longo de sua formação como indivíduo, às suas crenças, medos conscientes e inconscientes, segundo uma diversidade de modos de pensamento. A ideologia é paulatinamente estruturada em diversas etapas do desenvolvimento ontogenético, em diversos ambientes e em múltiplas províncias de significados, para usar a expressão de Schütz (2018). Por este motivo, o inconsciente desempenha um papel relevante no pensamento ideológico, pois as antigas estruturas de pensamento permanecem atuantes sem que a pessoa se aperceba.

A formação ideológica sob o aspecto do desenvolvimento ontogenético, tendo em vista a sua importância, será analisada em tópico separado a seguir. Contudo, não se pode deixar de registrar que os diversos paradigmas cognitivos acompanham cada uma das etapas de desenvolvimento ontogenético, com sua forma de pensar e suas peculiaridades tornando-a inconfundível com as demais. São dimensões que se entrelaçam e se relacionam dialeticamente.

A evolução ontogenética e o pensamento ideológico: a sombra do pensamento obscurantista

A ideologia é construída ao longo da vida, desde a mais tenra idade. O aprendizado ideológico vai muito além do contato com a teoria elaborada por pensadores ou a doutrinação em ambientes como o das sociedades totais. Ela tem as suas raízes profundas na infância, quando a pessoa assimila experiências e valores que tendem a se consolidar como expressão da própria natureza das coisas. Sobretudo na fé e na moral sexual – mas não apenas nelas – observam-se elementos que permanecem por toda a vida sem serem questionados. São como ideias fundadoras dos demais valores e que assumem a qualidade de verdades por si mesmas dispensando perquirições ou questionamentos.

E essa construção ideológica ocorre durante etapas de desenvolvimento do pensamento que possuem características e capacidades próprias. Uma criança assimilará suas experiências nos limites de seu estágio de desenvolvimento ontogenético e, portanto,

conforme uma lógica específica muito distinta daquela elaborada pelo adulto, mesmo levando-se em conta a zona de desenvolvimento imediato.

A primeira forma de pensamento da criança, ainda na fase do egocentrismo, é a sincrética, dominada por vínculos subjetivos que ligam as impressões sensíveis, subordinando a realidade objetiva à subjetiva. Certamente, seria um absurdo falar de ideologia na mente de uma criança de tão tenra idade, tratando-se apenas de elementos básicos que não espelham ainda valores. Contudo, não se pode desconhecer que a afetividade começa a se constituir nessa idade e influenciará na formação ideológica do indivíduo.

O pensamento por complexos surge na sequência, quando a criança descobre a realidade objetiva e começa a compor generalizações com base em dados sensíveis e conforme um critério de semelhança encontrado nas próprias coisas. Nas palavras de Vygotsky:

Em vez do nexos desconexo que serve de base à imagem sincrética, a criança começa a unificar objetos homogêneos em um grupo comum, a complexificá-los já segundo as leis dos vínculos objetivos que ela descobre em tais objetos (Vygotsky, 2000, p. 179).

O que distingue o pensamento por complexos daquele que se constitui por meio de conceitos é a inexistência de vínculos hierárquicos entre os seus diversos elementos. Os vínculos, embora objetivos, não estão ligados a elementos que os reúnam hierarquicamente, mas se juntam quase que por contiguidade.

Aqui podemos sondar com toda a clareza tátil aquela peculiaridade essencial a todo o pensamento por complexos e que o distingue do pensamento por conceitos: diferentemente dos conceitos, no complexo não existe vínculo hierárquico nem relações hierárquicas entre os traços. Todos os traços são essencialmente iguais em seu significado funcional. Diferem essencialmente de todos esses momentos na construção do conceito a relação entre o geral e o particular, isto é, entre o complexo e cada um dos seus integrantes particulares concretos, e a relação dos elementos entre si, assim como a lei de construção de toda a generalização (VYGOTSKY, 2000, p. 186).

Vygotsky faz referência a cinco espécies de pensamento por complexo: associativo, por coleção, por cadeia, difuso e pseudoconceito (2000). O pensamento ideológico utiliza essas formas pré-lógicas de pensamento, sem que a pessoa se aperceba, pois a ideologia é

alimentada pelo senso comum que raramente se utiliza de pensamentos espontâneos e dispensa os conceitos científicos.

Ao continuar a evolução ontogenética, a criança começa a raciocinar com conceitos espontâneos que além de reunirem os elementos por meio de um vínculo objetivo, é estruturada de acordo com uma hierarquia. Trata-se de uma forma de generalização que busca as semelhanças de um fenômeno e as subordina a uma ideia explicativa. Não se reduz a mera junção de características semelhantes como nos complexos. Os conceitos espontâneos se caracterizam pelo rico conteúdo pessoal da experiência da criança, que, não obstante, não consegue explicar os vínculos que os ligam. O conceito espontâneo não é conscientizado. A criança é capaz de utilizar essa espécie de conceito de forma espontânea, mas não tem a consciência deste pensamento.

O desenvolvimento do conceito de irmão não começou pela explicação do professor nem pela formulação científica do conceito. Em compensação, este conceito é saturado de uma rica experiência pessoal da criança. Ela transcorreu uma parcela considerável do seu caminho de desenvolvimento e, em certo sentido, já esgotou o conteúdo puramente fatorial e empírico nele contido (VYGOTSKY, 2000, p. 264).

Os conceitos científicos são conscientizados, pois são obtidos por meio da aprendizagem na escola. Não possuem o mesmo conteúdo empírico dos conceitos espontâneos, mas apresentam uma forma de generalização que possibilitam o raciocínio abstrato.

Desse modo, a generalização de um conceito leva à localização de dado conceito em um determinado sistema de relações de generalidade, que são os vínculos fundamentais mais importantes e mais naturais entre os conceitos. Assim, a generalização significa ao mesmo tempo tomada de consciência e sistematização de conceitos (VYGOTSKY, 2000, p. 292).

O pensamento obscurantista pode incorporar conceitos espontâneos e até mesmo científicos, mas como exceção. O ultraconservadorismo, por sua própria natureza, é acrítico e avesso ao pensamento livre. Ele se estrutura em dogmas e sentimentos que não podem ser questionados. É necessário que a pessoa adira aos seus valores e “verdades” por necessidade de respeitá-los como dados absolutos que não devem ser postos em dúvida. Por isto, o pensamento por complexos é dominante no obscurantismo. As associações dos elementos se fazem por contiguidade e devem evitar ao máximo as generalizações e a

tomada de consciência dos vínculos que as unem. O dogma se instala confortavelmente ao pensamento por complexos, mas é questionado pelo pensamento por conceitos.

Um episódio ocorrido nos Estados Unidos fornece um exemplo interessante de complexo por cadeia. Um grupo ultraconservador espalhou pelo país *outdoors* insultuosos ao então presidente Barack Obama. Neles, havia uma caricatura do presidente e os dizeres, terrorista, gay, comunista, muçulmano e negro. Obviamente, elementos antagônicos haviam sido reunidos por um critério de contiguidade que não tem lógica, mas que faz sentido para mentes extremistas e preconceituosas. Analisando os insultos, verifica-se que comunista, por ser ateu, contradiz muçulmano, que por sua vez, não se adequa confortavelmente com a ideia de gay. O elemento negro foi acrescentado por puro preconceito racial e terrorista para enfatizar toda a perniciosidade que os radicais queriam atribuir ao presidente. Mas onde está a lógica que possibilita a reunião de elementos tão diversos? Ela é dispensável, pois se trata de um pensamento por complexos em cadeia em que não é necessário um centro estrutural. Elementos concretos distintos vão se conectando sem que todos sejam compatíveis.

O caso referido poderia ser tomado como sendo autêntico pensamento sincrético, tendo em vista que a ofensa está impregnada de ódio e, portanto, do desejo de ofender sem levar em conta os dados da realidade. Contudo, mesmo com a existência deste forte indutor subjetivo, está presente o vínculo objetivo do complexo em cadeia, que liga um elemento ao outro sem haver um sentido lógico diretor. Mas é de se considerar que o nível de irracionalidade de quem acredita neste tipo de propaganda – não de quem a faz – traz evidentes elementos de um verdadeiro pensamento sincrético no qual o ódio e a vontade de acreditar importa muito mais do que a concatenação lógica dos seus elementos. De uma forma ou de outra, tal espécie de afirmação não constitui um pensamento por conceito e não deveria ser aceita por pessoas escolarizadas. A pessoa que propaga estes insultos tem condições cognitivas para perceber a incompatibilidade entre as qualificações atribuídas ao então presidente Obama e a falsidade de seu conteúdo, mas não o fará porque está pensando com complexos e não com conceitos.

O mesmo ocorre com a inusitada afirmação de que o nazismo é uma ideologia de esquerda. O vínculo objetivo que une nazismo e esquerda está no dado aleatório do partido levar o nome de Nacional Socialismo. Então, todo o conhecimento histórico, sociológico,

econômico e político acerca do nazismo é descartado em função de uma intenção adrede desejada de repelir a ideia de que esta ideologia seria de direita.

Mais um exemplo seria o ódio que alguns segmentos nutrem pelos Direitos Humanos. Diante de uma crise de criminalidade persistente e que causa a justificável indignação da opinião pública, segmentos midiáticos pregam uma solução de força arbitrária por parte da polícia e culpam os Direitos Humanos. Neste sentido, tais direitos, que formam a base da moderna civilização democrática, deixam de ser uma concepção e são assimilados a pessoas e grupos políticos. É como se os Direitos Humanos constituíssem um conjunto de pessoas e grupos incumbidos de defender os criminosos para que estes pudessem continuar seus ataques contra as “pessoas de bem”.

A expressão, “pessoas de bem” corresponde igualmente a um complexo que divide a sociedade entre os bons e os maus, como se esta sociedade não fosse sistêmica, com qualidades e defeitos estruturados conforme uma dada formação social. Neste caso, uma concepção simplista entende o mundo dividido entre os “de bem” e os “do mal”, conforme uma guerra entre o bem e o mal. Todas as relações sociais são desconsideradas e a mera observação empírica de que algumas pessoas se comportam de forma má e outras de forma boa em dado contexto é suficiente para explicar uma complexa dinâmica proveniente de causas econômicas, políticas, sociais, culturais etc.

Verifica-se, portanto, que embora os ultraconservadores possam ser instruídos e estejam acostumados a pensar com conceitos científicos, aprendidos na escola e nos cursos superiores, no âmbito ideológico, eles retrocedem ao pensamento por complexo. É certo que podem incorporar elaborados conceitos científicos da teoria liberal, mas a argumentação deles faz apenas distantes referências a estas concepções. O que constitui o tecido fundamental do obscurantismo radica no pensamento por complexos e até mesmo sincrético, em menor proporção. Daí a violenta repulsa do fascismo contra a cultura.

O componente emotivo circunstancial e o papel da educação na atualidade

A filosofia ocidental plasmou a ideia de que razão e emoções são reinos distintos e que quanto mais a primeira for contaminada pela segunda, mais distante se fica da compreensão dos fenômenos. Nada mais falso. Antônio Damásio explorou bem esta perspectiva, a partir das neurociências. Analisando inúmeros casos de pacientes com lesões na região pré-frontal, verificou que, embora a cognição permanecesse inalterada, a

capacidade da pessoa decidir e gerir a vida estava comprometida. A causa era precisamente o fato das emoções e os sentimentos constituírem a base sob a qual a cognição se desenvolve (DAMÁSIO, 2012).

Não por acaso, a região pré-frontal, responsável pela denominada função executiva, abrangendo a seleção de metas, planejamento estratégico de ação, controle inibitório de impulsos e interferências, avaliação de riscos e de resultados, é fartamente ligada por feixes de axônios ao sistema límbico, responsável pelas emoções. Filogeneticamente, o sistema límbico apareceu nos anfíbios e desenvolveu-se nos répteis, antecedendo ao surgimento do neocórtex e permanecendo a ele interligado (RIBAS, 2006). Portanto, a pretensão de se separar razão e emoção atenta contra a própria constituição biológica das pessoas.

As estruturas do sistema nervoso central, incumbidas das funções psicológicas superiores, que caracterizam a cognição humana, se desenvolveram a partir de estruturas mais antigas que não deixaram de existir e que permanecem estreitamente ligadas às áreas filogeneticamente mais recentes (FUSTER, 2002). A citoarquitetura do sistema nervoso explicita anatomicamente a relação de dependência da cognição com relação aos sentimentos e emoções.

Esta característica do cérebro e da mente humanos é relevante no que concerne à formação ideológica. Pode-se afirmar que ideologia é muito mais emoção do que razão e por isso, quando se tenta demover uma pessoa de sua posição ideológica, por meio de argumentos racionais, o resultado tende a ser pífio senão desastroso. A ideologia está relacionada a uma plêiade de emoções vividas pela pessoa e não pode ser perturbada por argumentos lógicos.

A ideologia, antes de tudo, é uma cosmovisão da realidade da vida. Ela está alicerçada em ideias que começaram a ser incutidas na mente desde o estágio correspondente ao pensamento sincrético. Este enraizamento, que prossegue pelo pensamento por complexos é profundo e influencia a formação da afetividade da criança, constituindo uma base para a maneira como o adulto irá pensar o mundo em que vive.

Quando se procura pelo fundamento de uma ideia, é possível encontrar explicações racionais até que se estanca em “verdades” que não podem e não precisam ser explicadas e que devem ser dogmaticamente aceitas. Isto é necessário porque um referenciamento de conceitos não poderia ser *ad infinitum*. Em algum momento, é necessário encontrar uma base, tal como, metaforicamente, uma edificação precisa se apoiar em algum fundamento.

Na mente, estas bases são de natureza emotiva, correspondendo ao que Antônio Damásio denominou de marcadores biológicos (DAMÁSIO, 2002). Filogeneticamente, seriam as bases que já se encontravam constituídas no sistema límbico dos répteis e que se desenvolveram nos mamíferos.

Não foi sem razão que Nietzsche (2016) concebeu o seu conceito de verdade como tentativas de fundamentação metafísica de valores. Os filósofos, portanto, procuram uma verdade pura com o objetivo de sacralizar valores morais. Neste artigo, a perspectiva de Nietzsche, de uma construção histórica da verdade pelos filósofos é deslocada para uma construção histórica da verdade pelo senso comum. Uma construção ontogenética em que o indivíduo assimila as verdades, enquanto fundamentos de valores morais, desde a infância mais tenra, transformando-as em dogmas. Sob este aspecto, as verdades dos filósofos dão lugar às verdades do dia-a-dia e do senso comum, pela necessidade de enraizamento dos conceitos formando paulatinamente uma cosmovisão.

Por isto, a generalidade das pessoas, incluindo as que têm grau superior, não procuram sistemas filosóficos para apoiarem as suas verdades. Elas simplesmente encontram referências de senso comum, sedimentadas em seus processos de desenvolvimento ontogenético. No âmbito de seus ofícios, essas pessoas pensam racionalmente e até cientificamente, conforme o grau de seus conhecimentos técnicos. Não obstante, no cotidiano e naquilo que não se encerra em seus afazeres profissionais, é o senso comum que domina e de uma forma tão sólida que todo o poder de convencimento da ciência é inconscientemente neutralizado.

Por trás dos valores estão emoções em graus variáveis, mas que resistem às influências de teorias ou pensamentos racionais, pois foram construídas no amálgama de sentimentos e raciocínios quando a pessoa ainda não pensava por conceitos. E foram plasmados como dogmas onde todo o complexo ideológico se enraíza. A ideologia permanece enraizada nas profundezas do inconsciente humano e somente aqueles que se dedicam a questioná-las filosoficamente conseguem afastar as influências das raízes ideológicas adquiridas na formação ontogenética, sobretudo no estágio do pensamento sincrético, ou seja, antes do desenvolvimento do pensamento abstrato.

Exemplo destes dogmas são os conceitos de deus, de moral sexual, de bem e de mal, de propriedade, de *status* social, os preconceitos raciais e um variado conjunto de valores

A educação diante do obscurantismo ideológico contemporâneo

que parecem inquestionáveis nas mentes da generalidade das pessoas, inclusive das instruídas. A religião foi a primeira noção de mundo criada pela humanidade. Há milhares de anos, as explicações mitológicas faziam algum sentido nas mentes de uma sociedade iletrada e quando a ciência ainda era incipiente.

Na Grécia Antiga, já se manifestava a tensão entre a filosofia e a mitologia, sendo exemplar o julgamento de Sócrates. A partir do século XVII, a ciência se afirmou, inclusive porque o poder necessitava de seus serviços. No século XVIII, com a Revolução Francesa e a Independência Americana, as ideias iluministas se consagraram e nelas se destacam a do Estado Democrático de Direito e a confiança na ciência e no progresso. Passados mais de duzentos anos, assiste-se ao surgimento de um obscurantismo extemporâneo, baseado na mitologia judaico-cristã, em valores ultraconservadores e numa rejeição aos princípios políticos democráticos e sociais que pareciam já estarem consolidados.

Quando uma pessoa assimila conceitos científicos na escola, enquanto em outros espaços é convencida de que deus abriu as águas do Mar Vermelho para Moisés e os judeus fugirem dos egípcios, a irracionalidade vence. São formados dois universos estanques na mente das pessoas, mas é na fantasia, no pensamento mágico e nos mitos que o indivíduo se refugia diante das dificuldades da vida. É a necessidade do manto de Maya, que fornece a ilusão de segurança nesta vida tão perigosa e cruel. E a escola não oferece este consolo irracional.

Considerações finais

Causa desconforto observar que, mais de duzentos anos após a Revolução Francesa, ideias como democracia, direitos humanos, separação de poderes, igualdade jurídica, estado laico e outros fundamentos do pensamento filosófico do oitocentos ainda não foram assimilados por parte significativa da população instruída. Por que duzentos anos de educação escolar não lograram erradicar o obscurantismo de nossa sociedade? Visando responder esta questão, investigou-se a gênese da ideologia a partir de três eixos conexos, sem exclusão de outras perspectivas, dada a complexidade do tema. Somente conhecendo este processo se pode fornecer elementos que aperfeiçoem a educação no sentido de criar uma consciência democrática e humanitária.

Schütz concebeu a diversidade de províncias de significado que convivem numa mesma personalidade, apresentando-se isoladamente e sendo acessadas por meio de saltos e não paulatinamente. Partindo-se desta concepção, verifica-se que a educação ministrada

pela escola e universidade e que desenvolve o conhecimento dentro de padrões epistemológicos e metodológicos (VYGOTSKY, 2000), tende a permanecer restrita à província do pensamento científico e com uma influência reduzida sobre o sistema de pensamento do dia-a-dia, pelo menos numa ampla faixa de pessoas instruídas. A província de significado existencial – do cotidiano – corresponde a um estado natural em que o indivíduo se relaciona com seus semelhantes, debatendo sobre costumes, política, segurança pública, educação, saúde e assuntos variados. É este Eu cotidiano quem vota e escolhe os legisladores e mandatários e não o Eu científico desenvolvido pela educação escolar.

Por outro lado, a cosmovisão tem suas bases formatadas na mais tenra idade. Tratam-se de “verdades” estabelecidas numa fase do desenvolvimento em que a criança não tem pensamento crítico absorvendo os valores dos pais. Então, quando se inicia a educação escolar, esta criança já tem um arcabouço ideológico um tanto dogmático que permanece a salvo de investigações críticas. Tais fundamentos permanecem impregnados de afeto e resistem ao longo da vida adulta. Os conhecimentos científicos, embora possam ser incorporados ao acervo cognitivo do indivíduo, tendem a ser isolados numa província acessada apenas quando necessário, mas não no cotidiano da pessoa.

Esta análise demonstra a importância da educação infantil na formação de pessoas emancipadas e com consciência crítica que incorpore os valores democráticos e humanistas. Aponta, ainda, a necessidade das músicas, desenho, pintura, poesia, dança e outras atividades artísticas na educação, tendo em vista que a linguagem icônica e metafórica das artes atua de forma muito mais profunda e eficaz sobre a província do cotidiano do que a linguagem científica. Infelizmente, na sociedade moderna, a indústria do entretenimento, pautada pelas razões de mercado, tem predominado na formação de crianças e jovens, transmitindo valores violentos e antissociais, através da estética da violência.

Este é o desafio para a educação atual, que deverá formar seres humanos emancipados e não se adequar às exigências do mercado, que se satisfaz com a reprodução de mão-de-obra dócil e passível de alienação pela mídia e por agentes comprometidos com valores de uma época remota, que se julgava definitivamente ultrapassada. Então, segmentos da sociedade tornam-se indiferentes ao conhecimento científico e regridem à mentalidade obscurantista, embora permaneçam lidando com bens de consumo

tecnológicos criados pela ciência. Todo o espírito crítico desaparece e a mente se agarra à dogmas. A província de significados do senso comum conservador torna-se hegemônico e o indivíduo é vítima de uma regressão civilizatória.

Ao mesmo tempo, é preciso desenvolver o espírito crítico da criança, torná-la capaz de questionar as informações e não assimilá-las de maneira meramente passiva. A escola deve reforçar o pensamento crítico e questionar valores dogmáticos eventualmente enraizados na mente da criança. Para tanto, disciplinas como Filosofia, Sociologia e História são essenciais. Especialmente no Brasil, onde se abandonou o ensino propedêutico em favor do tecnicismo, voltado para a formação de mão-de-obra, verificou-se uma perda cultural e cognitiva da sociedade. A formação de técnicos para o mercado de trabalho, inclusive no nível superior, embora importante economicamente, não pode dispensar a cultura geral e a formação de uma consciência humanista.

Este artigo apresenta elementos para se pensar uma educação que alcance a província do cotidiano e que não se restrinja a formar técnicos incapazes de aplicar os conhecimentos científicos aprendidos na escola no que se refere à sua cosmovisão.

Referências

DAMÁSIO, Antônio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

FEYERABEND, Paul Karl. **Contra o método**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

FUSTER, M. Joaquim. Frontal lobe and cognitive development. **Journal of Neurocitology**, 31, 373-385, 2002.

LEVY-BRUHL, Lucien. **La mentalité primitive**. Paris: Presses Universitaires de France, 1947.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2016.

RIBAS, Guilherme Carvalhal. Considerações sobre a evolução filogenética do sistema nervoso, comportamento e a emergência da consciência. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 326-333, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28n4/12.pdf>>. Acesso em: 22.jun. 2009.

SCHÜTZ, Alfred. **A construção significativa do mundo social: uma introdução à sociologia compreensiva**. Trad. Tomas da Costa. São Paulo: Editora Vozes, 2018.

VYGOTSKY, Lev Semionvich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Sobre os autores

Alex Sander da Silva

Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Formação Cultural e Sociedade –GEFOCS. Atua nos seguintes temas: Teoria Crítica e Educação. Estética. Filosofia da Educação.

E-mail: alexanders@unesec.net Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0945-9075>

Carlos Maximiano de Laet Raimundo de Souza

Bacharel em Direito. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Formação Cultural e Sociedade –GEFOCS. Atua nos seguintes temas: Educação e Direito. Vulnerabilidade Social. Educação Jurídica. Adolescência e Juventude.

E-mail: srmv@terra.com.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7077-8999>

Leisia Arantes Lessa

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro(2010), graduação em Fisioterapia pela Universidade Salgado de Oliveira(2001) e graduação em Fisioterapia pela Universidade Salgado de Oliveira(2001). Atualmente é Professor 1o e 2o ano Ensino fundamental do Centro Educacional Tertuliano de Catargo. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tópicos Específicos de Educação.

E-mail: Leisia.arantes1@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9247-4419>

Recebido em: 02/10/2019

Aceito para publicação em: 25/10/2019